



LIÇÃO 05

01 de Novembro de 2026

4º TRIMESTRE 2026

ADULTOS

O Grande Mandamento

Esboço Da Lição 05

Do 4º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

O DEUS DA ALIANÇA
Advertência, promessas e bênçãos no livro de Deuteronômio

Domingo, 01 de novembro 2026

O GRANDE MANDAMENTO

Pb. Murilo Alencar ¹

INTRODUÇÃO

No capítulo 5, Moisés lembrou a nova geração de israelitas, reunida nas planícies de Moabe, do dia em que seus pais ouviram a voz de Deus no monte Horebe. Aterrorizados diante do fogo, o povo pediu que Moisés ouvisse o Senhor em seu lugar e prometeu obedecer a tudo o que ele transmitisse (Dt 5.27). Deus aprovou aquelas palavras, mas expressou o que desejava encontrar no povo: **“Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias”** (Dt 5.29). Israel havia prometido obedecer, mas o Senhor queria que essa disposição permanecesse no coração dos israelitas de forma permanente.

O capítulo 6 retoma os mandamentos dados no monte Horebe e passa a explicar como Israel deveria viver diante de Deus. Entre essas instruções está o Shemá, a declaração de que o Senhor é o único Deus de Israel, seguida da ordem de amá-lo com todo o ser. Séculos depois, os judeus devotos recitavam essas palavras diariamente, e Jesus as chamou de **“o primeiro e grande mandamento”** (Mt 22.38). Nesta lição, veremos que o amor a Deus dá sentido aos mandamentos, que a Palavra precisa estar primeiro no coração de quem ensina para depois ser transmitida aos filhos, e que esse amor se comprova na obediência diária. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO ÁUREO

Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. (Dt 6.5, NVI).

Portanto, ame o SENHOR, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e com toda a sua força. (Dt 6.5, NAA).

No versículo anterior, isto é, em Deuteronômio 6.4, Moisés havia declarado que o Senhor é o único Deus. Por isso, no versículo 5, ele chama Israel a amá-lo com todo o coração, toda a alma e toda a força. **Se somente o Senhor é Deus, então ele deve receber a inteira devoção do seu povo.**

As três versões usadas na comparação de traduções expressam a ideia de totalidade. Elas concordam nos dois primeiros termos, “coração” e “alma”, mas apresentam uma pequena diferença no terceiro. A ARC usa “poder”, enquanto a NAA e a NVI empregam “força” ou “forças”. Essa diferença de tradução não altera o sentido do versículo. Coração, alma e força não descrevem três partes independentes do ser humano. **Os termos se acumulam para ensinar que Deus deve ser amado com tudo o que a pessoa é.**

No pensamento hebraico, o coração envolve os pensamentos, as decisões e as escolhas. A alma se refere à própria vida. Já o último termo traduz uma palavra hebraica que normalmente significa “muito” e, nesse contexto,

¹ Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco.

reforça ainda mais a ideia de totalidade. **Israel deveria amar o Senhor com toda a sua capacidade, sem reservar nenhuma área da vida para outro fim.**

Quando Jesus cita esse mandamento, os Evangelhos apresentam pequenas diferenças. Mateus menciona coração, alma e entendimento. Marcos reúne coração, alma, entendimento e forças, enquanto Lucas apresenta coração, alma, forças e entendimento (Mt 22.37; Mc 12.30; Lc 10.27). Essas diferenças não mudam o ensino de Deuterônomo. A presença do termo “entendimento” nas citações dos Evangelhos explicita uma ideia que já está incluída no mandamento: Deus deve ser amado também com o pensamento. Em todos os casos, a ideia permanece a mesma: o Senhor deve ser amado com tudo o que temos e com tudo o que somos.

Jesus chamou esse mandamento de “**o primeiro e grande mandamento**” (Mt 22.38, ARC). Amar a Deus não se limita ao sentimento. Envolve pensamentos, escolhas, desejos, capacidades e toda a nossa maneira de viver. O Senhor não pede uma parte da nossa devoção, mas um amor inteiro, sem divisão.

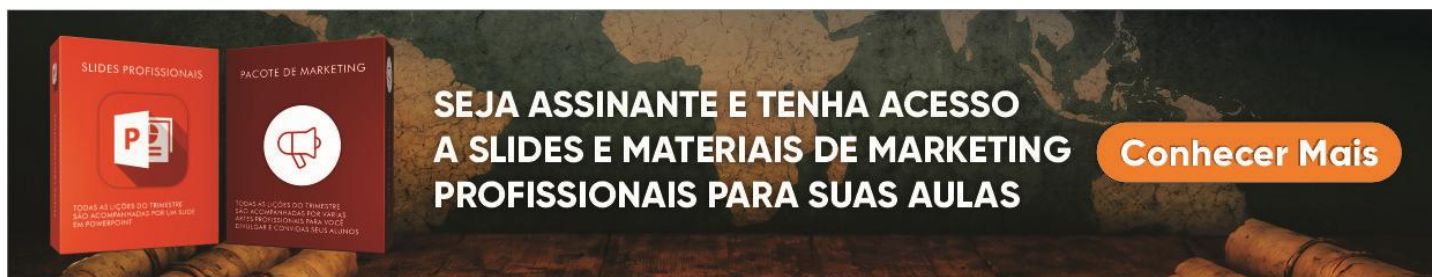
VERDADE PRÁTICA

O amor a Deus expressa-se em obediência sincera, ensino no lar, prática constante da sua Palavra e do amor ao próximo.

Como expressamos nosso amor a Deus? Jesus respondeu: “**Se vocês me amam, guardarão os meus mandamentos**” (Jo 14.15, NAA). João apresenta a mesma relação ao escrever: “**Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos**” (1Jo 5.3, NAA). Por isso, a obediência é uma expressão prática desse amor.

Além da obediência, Moisés ensina que a Palavra de Deus deveria fazer parte da vida dentro de casa. Antes de ensiná-la aos filhos, os pais precisavam guardá-la no próprio coração (vv. 6,7). Aquilo que valorizamos procuramos conservar e transmitir. Os pais expressavam seu amor ao Senhor quando assumiam a responsabilidade de ensinar aos filhos quem Deus é, o que havia feito por Israel e como o seu povo deveria viver.

O amor ao próximo também faz parte da vida de quem ama a Deus. Jesus colocou lado a lado os mandamentos de amar a Deus e amar o próximo (Mt 22.37-39), e João foi ainda mais incisivo: “**aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê**” (1Jo 4.20, NAA). **A maneira como tratamos o próximo, portanto, pode confirmar ou contradizer a declaração de que amamos a Deus.**



SLIDES PROFISSIONAIS

PACOTE DE MARKETING

SEJA ASSINANTE E TENHA ACESSO A SLIDES E MATERIAIS DE MARKETING PROFISSIONAIS PARA SUAS AULAS

Conhecer Mais

1. O AMOR QUE SUSTENTA OS MANDAMENTOS

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

1.1 O propósito dos mandamentos.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Deuteronômio 6 apresenta os mandamentos como instrumentos divinos para formar um povo santo e exemplar entre as nações (Dt 6.1-3). Eles não são apenas normas, mas também fundamentos da aliança e expressão da vontade de Deus para a vida coletiva de Israel. Moisés continua ensinando princípios ligados aos Dez Mandamentos, que são a base da aliança de Deus com o povo e o centro da sua Lei. A ideia principal do texto é que esses mandamentos deveriam ser ensinados com cuidado e dedicação, como parte essencial da vida espiritual.*

A Bíblia diz:

¹— São estes os mandamentos, os estatutos e os juízos que o Senhor, seu Deus, ordenou que fossem ensinados a vocês, para que vocês os cumprissem na terra em que vão entrar e possuir, ²para que durante todos os dias da sua vida vocês, os seus filhos, e os filhos dos seus filhos temam o Senhor, seu Deus, e guardem todos os seus estatutos e mandamentos que eu lhes ordeno, e para que os seus dias sejam prolongados. ³Portanto, escute, Israel, e tenha o cuidado de cumprir esses mandamentos, para que tudo lhes corra bem e vocês muito se multipliquem na terra que mana leite e mel, como o Senhor, o Deus dos seus pais, lhes prometeu (Dt 6.1-3, NAA).

Antes de apresentar as leis mais específicas que norteariam a vida de Israel em Canaã, Moisés dedica os capítulos 6 a 11 a explicar como o povo deveria se relacionar com o Senhor e com sua Palavra. Nessa parte, ele fala sobre amar e temer a Deus, ensinar seus mandamentos aos filhos, lembrar do que o Senhor havia feito, evitar o orgulho e permanecer fiel quando entrasse na terra. A partir do capítulo 12, Moisés passa a tratar com mais detalhes de questões relacionadas ao culto, a liderança, a justiça, a família, aos bens e a outras áreas da vida do povo.

No fim do capítulo 5, o Senhor havia mandado Moisés permanecer com ele para receber “**os mandamentos, e estatutos, e juízos**” que depois ensinaria ao povo (Dt 5.31). No início do capítulo 6, Moisés usa praticamente as mesmas palavras. O que Deus havia mandado que ele fizesse no monte Horebe estava sendo realizado agora diante da nova geração. Moisés recebeu a Palavra do Senhor para ensiná-la, e Israel deveria ouvi-la para colocá-la em prática na terra que estava prestes a possuir.

- Moisés recebeu de Deus aquilo que deveria ensinar ao povo (v. 1). O versículo menciona “**mandamentos, estatutos e juízos**”. Esses termos abrangem as instruções que regulariam a vida de Israel em Canaã. Algumas tratariam do culto, outras da família, da justiça, da propriedade e das relações entre as pessoas. O objetivo do ensino fica claro no fim do versículo, quando Moisés diz que aquelas ordens deveriam ser cumpridas “**na terra a que passais a possuir**”. Ao entrar em Canaã, o povo deveria organizar sua vida de acordo com a vontade do Senhor.
- Cada geração deveria temer o Senhor e guardar seus mandamentos (v. 2). Moisés explica que o ensino tinha como objetivo levar Israel a temer o Senhor. Nesse contexto, temor não significa viver assustado diante de Deus, mas reconhecer sua santidade, sua autoridade e tratar suas palavras com seriedade. Esse temor deveria acompanhar o povo “**todos os dias**” e ser percebido na obediência aos mandamentos. Moisés menciona ainda “**tu, e teu filho, e o filho de teu filho**”. Os filhos e os netos também precisariam conhecer o Senhor e aprender a viver segundo sua Palavra.

- Israel deveria ouvir e obedecer para desfrutar do bem prometido por Deus (v. 3). Moisés pede que o povo ouça com atenção e tenha cuidado para cumprir aquilo que havia recebido. Em seguida, fala de bem-estar, multiplicação e de uma **“terra que mana leite e mel”**. A expressão descreve Canaã como uma terra fértil e abundante, especialmente quando comparada com os anos vividos no deserto. O leite vinha dos rebanhos, enquanto o mel representava a fartura dos produtos da terra. Israel não receberia Canaã porque fosse melhor do que os outros povos. Deus havia prometido aquela terra aos patriarcas e estava cumprindo sua palavra. A vida do povo ali, porém, deveria ser marcada pela obediência ao Senhor que lhe concedia todas aquelas bênçãos.

Os três versículos deixam clara a responsabilidade de Israel. Moisés deveria ensinar aquilo que havia recebido de Deus, o povo deveria praticar os mandamentos e os pais deveriam transmitir esse ensino aos filhos. A Palavra não poderia ficar restrita ao evento ocorrido no monte Horebe nem permanecer apenas na memória daquela primeira e segunda geração. Ela deveria conduzir a vida do povo em Canaã e continuar presente entre seus descendentes.

A promessa da terra pertencia especificamente a Israel e não deve ser transferida diretamente para a Igreja. O Novo Testamento, porém, continua ensinando que a graça recebida de Deus deve produzir em nós uma vida de obediência. O cristão não obedece para conquistar a salvação, mas porque pertence a Cristo e deseja viver segundo sua Palavra

1.2 O chamado ao amor exclusivo a Deus.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A declaração “O SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR” afirma não apenas a unidade divina, meramente numérica, como também a sua exclusividade absoluta (Dt 6.4). Não há outro Deus digno de adoração. Essa verdade estabelece o fundamento do monoteísmo bíblico e exige lealdade total do povo (Is 45.5).*

Os judeus devotos recitam até hoje, pela manhã e à noite, a confissão: **“Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR”**. Ao fazer isso, cumprem literalmente a orientação de falar dessas palavras **“deitando-te e levantando-te”** (Dt 6.7). Esse ensino começa cedo, pois, nos lares judeus, assim que a criança aprende a falar, os pais lhe ensinam a recitar o Shemá. Para Israel, essa declaração tinha grande importância, porque identificava o povo como adorador do único Deus verdadeiro e fazia parte da prática devocional que deveria marcar a vida diária do povo. No hebraico, a frase possui apenas quatro palavras e não traz verbo, o que ajuda a explicar as pequenas diferenças entre as traduções. Apesar disso, todas comunicam a mesma ideia: **o Senhor deveria receber sozinho a adoração, a lealdade e o amor do seu povo.**

- Um Deus único no meio de muitos deuses (v. 4). As nações vizinhas de Israel adoravam numerosos deuses e deusas. Entre os cananeus, “Baal” funcionava quase como um título aplicado a diferentes divindades, de modo que um cananeu jamais diria que “Baal é um”. Além disso, no antigo Oriente Próximo, uma mesma divindade podia receber características diferentes conforme o lugar em que era cultuada. Na Mesopotâmia, por exemplo, a Ishtar de Arbela não era tratada exatamente da mesma forma que a Ishtar de Uruk. Incrições encontradas na própria terra de Israel mencionam um “Javé de Samaria” e um “Javé de Temã”, o que ajuda a perceber a tentação de tratar o Deus de Israel como se houvesse versões regionais dele. Contra tudo isso, Moisés declara que o Senhor é *’ehād*, “um” ou “único”. Ele não faz parte de um conjunto

de deuses nem divide sua autoridade com qualquer rival, como já havia sido dito: “o SENHOR é Deus; nenhum outro há senão ele” (Dt 4.35).

- Um Deus que não pode ser dividido em versões diferentes (v. 4). A palavra *’ehād* é usada no Antigo Testamento em vários contextos para expressar a ideia de “um”. Em Gênesis 2.24, homem e mulher se tornam “uma carne”, e em Êxodo 26.6,11 as partes do tabernáculo são unidas para formar uma só estrutura. Em Deuteronômio 6.4, porém, o ponto principal não está em definir filosoficamente a natureza de Deus, mas em afirmar sua singularidade e exclusividade. O Senhor é um só Deus e deve ser reconhecido como tal por Israel. Essa confissão não entra em conflito com a doutrina cristã da Trindade. Paulo retoma a linguagem do Shemá ao escrever: **“para nós há um só Deus, o Pai [...] e um só Senhor, Jesus Cristo”** (1Co 8.6).
- Uma confissão que exige lealdade exclusiva (v. 4). Se o Senhor é o único Deus, então Israel não poderia dividir sua devoção com outras divindades. Por isso, a declaração do Shemá está em plena harmonia com os dois primeiros mandamentos, que proíbem outros deuses e imagens (Dt 5.7-10). Portanto, o problema não estava apenas em abandonar completamente o Senhor, mas também em colocá-lo ao lado dos deuses das nações. Foi exatamente o que aconteceu mais tarde em Samaria, onde o povo **“temia ao SENHOR e, ao mesmo tempo, servia aos seus próprios deuses”** (2Rs 17.33). O sincretismo mantinha o nome do Senhor, mas negava na prática a confissão de que somente ele deveria ser adorado.
- Jesus citou Dt 6.4 quando um escriba lhe perguntou qual era o primeiro mandamento (Mc 12.29). Paulo partiu da mesma confissão para defender que o evangelho é para judeus e gentios, pois, **“visto que Deus é um só”, ele justifica pela fé uns e outros** (Rm 3.29,30). Tiago, por sua vez, advertiu que crer em um só Deus não basta, porque “também os demônios o creem e estremecem” (Tg 2.19). Eles reconhecem que Deus é um, mas não o amam nem lhe obedecem. A confissão de Israel continua valendo para a Igreja e exige dela a mesma lealdade, como João escreve ao encerrar sua primeira carta: **“Filhinhos, guardai-vos dos ídolos”** (1Jo 5.21).

1.3 O significado de “Ouve, ó Israel”.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A expressão “ouve, ó Israel” introduz um chamado profundo à escuta obediente (Dt 6.4,5). Não se trata apenas de ouvir com os ouvidos, mas também de acolher a Palavra com atenção, refletir sobre ela e praticá-la. Esse chamado resume a essência da aliança: Deus fala, e o povo responde com obediência e amor (Dt 32.29; Is 42.8). Nesses termos, amar a Deus de todo o coração, alma e poder envolve todo o ser — pensamentos, emoções, vontades e ações (Js 24.15; 1 Rs 18.21).*

O texto bíblico diz:

⁵Portanto, ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e com toda a sua força (Dt 6.5, NAA).

É possível mandar alguém amar? À primeira vista, a ordem pode parecer estranha, porque costumamos tratar o amor como um sentimento que surge de forma espontânea. A Bíblia, porém, apresenta o amor de maneira mais ampla. Em João 3.16, o amor de Deus se revela naquilo que ele fez ao entregar o seu Filho. Em 1 Coríntios

13, Paulo descreve o amor por meio de atitudes como a paciência, a bondade, a ausência de inveja e a disposição para tudo suportar. Nos dois textos, o amor não fica restrito ao sentimento; ele se manifesta em escolhas e ações.

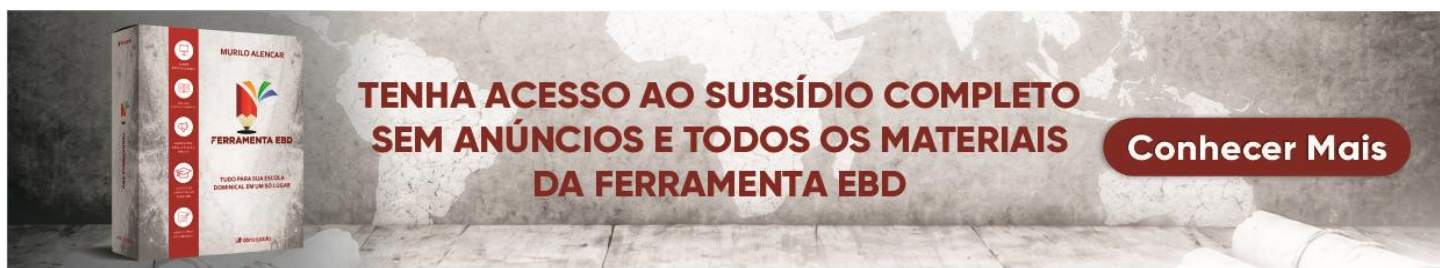
É com essa compreensão que devemos ler Deuteronômio 6.4,5. Moisés convoca Israel para ouvir o Senhor e, em seguida, ordena que o povo o ame de todo o coração, de toda a alma e de toda a força. Os dois versículos mostram como esse amor se expressa e de que maneira Deus o torna possível.

- Um amor que se expressa em lealdade (v. 5). No mundo antigo, o verbo “amar” também descrevia a fidelidade de um vassalo ao seu rei ou de um aliado a outro. A forma como essa palavra era usada nos ajuda a entender por que Deuteronômio aproxima tanto o amor da obediência. Amar o Senhor significava permanecer fiel a ele e não repartir a devoção com outros deuses. O Decálogo já havia unido essas ideias ao falar daqueles que amam a Deus e guardam os seus mandamentos (Dt 5.10). Esse amor, contudo, não era apenas formal, pois envolvia afeto, decisão e fidelidade.
- Um amor que Deus torna possível (v. 5). A ordem de amar o Senhor de todo o coração e de toda a alma aparece várias vezes em Deuteronômio, e o próprio livro reconhece que Israel precisaria da ação de Deus para viver dessa maneira. Em Deuteronômio 30.6, o Senhor promete circuncidar o coração do povo para que ele o ame com todo o ser. No Novo Testamento, Paulo ensina que “o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi dado” (Rm 5.5, NAA). Deus ordena que o seu povo o ame e, ao mesmo tempo, age nele para que esse amor se desenvolva.

Moisés não separa, portanto, ouvir, conhecer, amar e obedecer. Todas essas atitudes compõem uma única resposta ao Deus que se deu a conhecer a Israel. O povo deveria ouvi-lo porque ele era o Senhor, amá-lo porque somente ele era Deus e demonstrar esse amor vivendo de acordo com a sua Palavra. Jesus manteve essa mesma relação ao declarar: **“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama”** (Jo 14.21, NAA).

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 1):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



2. O AMOR DESPERTADO PELA PALAVRA

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

2.1 Avivados pela Palavra no coração.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *O coração do crente permanece avivado quando a Palavra de Deus habita nele (Dt 6.6), pois ela é viva e eficaz (Jr 23.29). Mais do que informar, a Escritura transforma o interior e forma o caráter (2 Tm 3.16-17). Quando está no coração, ela produz amor obediente a Deus (Jo 14.15) e impede uma fé superficial (Mt 13.20-22).*

Logo depois do Shemá, Moisés indica o lugar onde a Palavra de Deus deveria permanecer: **“E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração”** (Dt 6.6, ARC). **O versículo responde a duas perguntas importantes: o que deveria ser guardado e onde deveria ser guardado.**

- “Estas palavras que hoje te ordeno.” A expressão se refere a todo o ensino da aliança transmitido por Moisés, tendo no Shemá dos versículos 4 e 5 uma espécie de síntese. O advérbio “hoje” também merece um breve comentário. A aliança havia sido firmada no monte Horebe, mas Moisés a apresenta como uma palavra atual para a geração reunida nas planícies de Moabe. Aqueles israelitas não deveriam tratá-la como algo pertencente apenas aos seus pais. A Palavra estava sendo dirigida a eles e precisava ser recebida naquele momento.
- “Estarão no teu coração.” **No hebraico, partes do corpo são usadas com frequência para falar de diferentes aspectos da pessoa, nem sempre com o mesmo sentido que damos a elas hoje. A mão pode representar poder, os rins podem ser associados com a consciência e a garganta, com a própria vida. No nosso modo de falar, o coração costuma ser ligado principalmente aos sentimentos. Para o israelita, porém, ele também envolvia pensamentos, decisões e vontade, como já mencionamos.** Guardar a Palavra no coração significava mantê-la presente na memória, permitindo que ela governe a maneira de pensar e de agir. O salmista expressou essa mesma preocupação ao dizer: **“Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti”** (Sl 119.11).
- “Não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração.” Os Dez Mandamentos haviam sido escritos pelo próprio Deus em duas tábuas de pedra (Dt 5.22). Em Deuteronômio 6.6, porém, Moisés chama a atenção para outro lugar onde a Palavra deveria permanecer, o interior de cada israelita. Essa ideia reaparece mais adiante em Deuteronômio 11.18 e ganha ainda visibilidade nos profetas. Diante da infidelidade do povo, o Senhor prometeu uma nova aliança em que colocaria sua Lei no interior dos seus servos e a escreveria em seu coração (Jr 31.33).

John Wesley leu e escreveu muitos livros ao longo da vida, mas, no prefácio aos seus sermões, declarou o desejo de ser *homo unius libri*, “homem de um só livro”. Ele não desprezava outras leituras. Queria apenas que uma delas, a Escritura, tivesse autoridade sobre todas as demais e sobre sua própria vida. É exatamente essa ideia que encontramos em Deuteronômio 6.6.

2.2 Ensinando a Palavra aos filhos.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *O ensino da Palavra aos filhos deve ser constante e intencional no lar (Dt 6.7) e partir de pais que a vivam no coração (Lc 6.45). Assim, Moisés orienta que esse ensino ocorra em todo o tempo — ao assentar, andar, deitar e levantar — e mostra que não deve ser ocasional, mas contínuo, prático e relacional.*

A Bíblia diz:

⁷Você as inculcará a seus filhos, e delas falará quando estiver sentado em sua casa, andando pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-se (Dt 6.7, NAA).

Com os mandamentos guardados no coração dos israelitas (v. 6), Moisés volta sua atenção para a geração seguinte e explica como essas palavras deveriam ser transmitidas aos filhos. A continuidade da fé de Israel dependia também desse ensino, pois as novas gerações precisariam conhecer o Senhor, recordar aquilo que ele havia feito e aprender a viver segundo a aliança. No versículo 7, Moisés explica como essa tarefa deveria fazer parte da vida da família.

- “Você as inculcará a seus filhos” (v. 7). O verbo hebraico *šānan* possui o sentido básico de “afiar” e, nessa forma, transmite a ideia de ensinar com insistência e cuidado. A imagem lembra o trabalho de quem grava palavras numa pedra, repetindo os golpes até que a inscrição fique bem marcada. Do mesmo modo, os pais deveriam ensinar os mandamentos muitas vezes, até que seus filhos os conhecessem e compreendessem. Não era uma repetição sem propósito, mas um ensino perseverante, retomado sempre que fosse necessário.
- “Quando estiveres sentado [...] quando andares [...] quando te deitares e quando te levatares” (v. 7). Moisés reúne situações que abrangem diferentes momentos da rotina diária da vida dos israelitas. Sentar em casa e caminhar pelo caminho envolvem lugares e atividades distintas, enquanto deitar e levantar indicam o decorrer do dia. Na linguagem bíblica, esse recurso é chamado de *merismo*, pois usa extremos para representar tudo o que existe entre eles. O ensino da Palavra de Deus, portanto, não deveria ficar limitado a uma ocasião específica. As refeições, as viagens, o descanso e as atividades comuns da família também poderiam se transformar em oportunidades para falar sobre Deus e seus mandamentos.

O próprio capítulo apresenta um exemplo de como esse ensino deveria ser praticado. Quando os filhos perguntassem pelo significado dos mandamentos, os pais deveriam contar que Israel havia sido escravo no Egito e que o Senhor o libertara com mão poderosa (Dt 6.20-25). A resposta não começaria com uma lista de proibições, mas com a história da redenção. Desta forma, os filhos aprenderiam não somente aquilo que Deus exigia, mas também o que ele havia feito por seu povo.

Para todos nós, que servimos ao Senhor, esse princípio continua válido. Os pais precisam reservar momentos para o ensino bíblico, mas também devem aproveitar as perguntas e situações cotidianas para explicar as Escrituras. Uma dúvida apresentada durante uma refeição ou uma conversa no caminho pode proporcionar uma oportunidade valiosa de aprendizagem. Afinal, a instrução moral e espiritual é uma responsabilidade que os pais não podem terceirizar para igreja ou para outras pessoas. Nós devemos ser os “protagonistas” quando o assunto é a formação espiritual de nossos filhos.

2.3 A importância do ensino no lar?

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: O lar cristão enfrenta constantes influências contrárias à fé, como ideologias, relativismo e diversos conteúdos sem controle. Por isso, o ensino fiel da Palavra é indispensável (Dt 6.7) e deve ser aliado à vigilância espiritual (Cl 2.8) e à oração contínua (Sl 127.3-5; Ef 6.4).

A Bíblia diz:

⁸Também deve amarrá-las como sinal na sua mão, e elas lhe serão por frontal entre os olhos. ⁹E você as escreverá nos umbrais de sua casa e nas suas portas (Dt 6.8-9, NAA).

Nos versículos 8 e 9, Moisés continua explicando como a Palavra deveria estar presente na vida do povo de Deus. Agora, ele fala de sinais no corpo, na casa e nos portões. Os estudiosos entendem de maneiras diferentes como Moisés esperava que essas ordens fossem cumpridas. Alguns consideram que a linguagem é figurada, pois expressões próximas, como “no teu coração” e “andando pelo caminho”, também não precisam ser entendidas de forma literal. Além disso, Êxodo 13 usa uma linguagem semelhante ao falar de uma celebração, e não de um objeto preso ao corpo. Outros, porém, entendem que a ordem poderia ser literal, já que o uso de faixas e inscrições religiosas era conhecido naquela época.

Uma descoberta arqueológica reforça a possibilidade de que textos sagrados fossem de fato carregados pelos israelitas. Em 1979, foram encontrados, em um túmulo próximo a Jerusalém, dois pequenos rolos de prata datados do período anterior ao exílio. Neles estava escrita a bênção sacerdotal de Números 6.24-26. Esses rolos indicam que os israelitas levavam consigo pequenos objetos contendo textos das Escrituras e são considerados os exemplares mais antigos já encontrados com um texto bíblico. Séculos depois, o judaísmo passou a cumprir Deuteronômio 6.8,9 de maneira literal.

- “Também deve amarrá-las como sinal na sua mão” (v. 8). No antigo Oriente Próximo, era comum usar objetos presos ao corpo com significado religioso. Alguns funcionavam como amuletos, outros indicavam lealdade a determinada divindade. Entre os judeus, a leitura literal deste versículo deu origem aos tefilin, também chamados de **filactérios**. Eram pequenas caixas de couro com trechos da Torá, presas no braço e na testa durante as orações. Exemplares antigos foram encontrados em Qumran, na região do mar Morto. O uso desses objetos servia para manter os mandamentos presentes na memória e lembrar que a vida pertencia ao Senhor.
- “E você as escreverá nos umbrais de sua casa e nas suas portas” (v. 9). A instrução passa do corpo para o ambiente em que a família vivia. Na tradição judaica, essa instrução originou a **mezuzá**, pequeno receptáculo colocado no batente da porta e contendo trechos da Torá, especialmente Deuteronômio 6.4-9 e 11.13-21. Portanto, a própria entrada da casa lembrava aos moradores que aquele lar deveria viver debaixo da Palavra de Deus.
- Os sinais não substituem a fidelidade. Com o passar do tempo, essas práticas também passaram a ser usadas de maneira errada. Jesus repreendeu escribas e fariseus que alargavam seus filactérios para chamar a atenção das pessoas (Mt 23.5). O problema estava na ostentação. Um sinal criado para lembrar a Palavra ao seu povo havia se tornado instrumento de exibição religiosa.

Os versículos 8 e 9 nos convidam a olhar para dentro do nosso lar. Podemos ter Bíblias espalhadas pela casa, livros de teologia na prateleira e hinários sobre a mesa. No fim das contas, porém, os nossos filhos aprendem sobretudo observando como nós conversamos com o cônjuge, com as pessoas e com os irmãos da igreja, como resolvemos os conflitos, como tratamos uns aos outros e como enfrentamos as dificuldades da vida. É nessas situações diárias que se revela o lugar que a Palavra de Deus ocupa em nosso coração e dentro da nossa casa. Os recursos visuais, os materiais teológicos e as Bíblias são importantes, mas só cumprem o seu propósito quando obedecemos à voz de Deus.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 2):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



3. COMO VIVER O AMOR DE DEUS NA PRÁTICA

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

3.1 A palavra “amor” em Deuteronômio.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Em Deuteronômio, o amor não é um mero sentimento, e sim uma disposição para obedecer e evidenciar sinceridade diante de Deus (Dt 10.12,13; 1 Jo 5.3). Ele é relacional, pactual e fundamento da aliança estabelecida por iniciativa divina (Dt 7.8).*

A nova geração estava prestes a entrar em Canaã, e a terra seria lugar de vitória, mas também de tentação. Muitas pessoas enfrentam melhor a adversidade do que a prosperidade, porque a dificuldade costuma aproximá-las de Deus, enquanto a fartura as faz relaxar e esquecer de agradecer. Nos versículos 10 a 15, Moisés prepara o povo para esse perigo e indica como o amor ao Senhor deveria se manter vivo quando as bênçãos chegassem.

- O presente que Israel não conquistou (vv. 10,11). A terra era o cumprimento de um juramento feito a Abraão, Isaque e Jacó cerca de seis séculos antes (Gn 15.18-21). O Senhor havia se comprometido com o próprio nome a cumpri-lo, e é ele quem **“te tiver introduzido na terra”** (v. 10). **Moisés descreve a herança em quatro partes e, em cada uma, nega ao povo o mérito: “grandes e boas cidades, que tu não edificaste, e casas cheias de todo bem, que tu não encheste, e poços cavados, que tu não cavaste, vinhas e oliveais, que tu não plantaste”** (vv. 10,11). No período anterior à chegada de Israel, Canaã tinha cidades importantes como Hazor, Megido, Siquém e Gezer. Os moradores mais ricos viviam em casas confortáveis, com pátio interno, e os agricultores cavavam poços, abriam cisternas na rocha e esperavam anos até que as vinhas e os oliveais produzissem. Israel receberia tudo pronto, como Josué lembraria mais tarde ao povo (Js 24.13).
- O perigo de comer e se fartar (vv. 11b,12). A advertência vem logo depois da descrição da fartura: **“e comeres e te fartares, guarda-te, que te não esqueças do SENHOR”**. O verbo **“guardar-se”** (*šāmar*) pede atenção cuidadosa de todos nós, e a ordem **“não te esqueças”** aparece várias vezes em Deuteronômio (Dt 4.9,23; 8.11,14,19). **A abundância poderia levar Israel a pensar que a bênção vinha das próprias mãos.** Por isso, Moisés descreve o Senhor como aquele que **“te tirou da terra do Egito, da casa da servidão”**. O remédio contra o esquecimento era lembrar de onde Deus os havia tirado. Paulo usa o mesmo recurso

quando pede aos efésios: “**lembrai-vos de que, outrora, vós... estáveis sem Cristo... mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto**” (Ef 2.11-13).

- A lealdade que o povo deveria jurar (vv. 13-15). A resposta esperada ao Deus que deu a terra está em três verbos: “O SENHOR, teu Deus, **temerás**, e a ele **servirás**, e pelo seu nome **jurarás**” (v. 13). Há um jogo de palavras entre os versículos 12 e 13. A “servidão” do Egito (‘*ēbed*’) dá lugar ao “servirás” (‘*ābad*’). Israel deixaria de ser escravo do faraó para ser servo do Senhor. **Jurar pelo nome de Deus, por sua vez, era declarar lealdade a ele como Senhor da aliança.** Nos versículos 10 e 18, quem jura é Deus, ao prometer a terra; no versículo 13, é o povo que deve jurar fidelidade a quem foi fiel a ele. **Israel herdaria as cidades e as casas dos cananeus, mas não poderia herdar os seus deuses (v. 14).** Foi com as palavras do versículo 13 que Jesus respondeu a Satanás, quando este lhe ofereceu os reinos do mundo: “Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele servirás” (Mt 4.10). O motivo da advertência é que o Senhor é “Deus zeloso” (v. 15), expressão que Deuteronômio usa quando outro deus ocupa o lugar que só a ele pertence (Dt 4.24; 5.9; 32.21).

Howard Hendricks contou que, depois de pregar em um café da manhã para pais e filhos numa igreja em Washington, presenciou uma cena que lhe chamou a atenção. O senador norte-americano Mark Hatfield estava empilhando cadeiras e recolhendo guardanapos do chão. Embora ocupasse uma posição de destaque na política americana, não considerava indigno realizar uma tarefa tão simples. Hendricks observou que alguém excessivamente impressionado com o próprio cargo dificilmente se preocuparia em arrumar cadeiras depois de uma reunião.

A atitude daquele senador ilustra bem o perigo sobre o qual Moisés advertiu Israel. O problema não está em ocupar uma posição de destaque, possuir riquezas ou receber reconhecimento, mas em permitir que essas coisas alimentem o orgulho e a sensação de superioridade. Moisés alertou que, ao desfrutar da prosperidade da terra, o povo poderia esquecer o Senhor, de quem havia recebido tudo aquilo (Dt 6.10-12). Quem reconhece a bondade de Deus naquilo que possui encontra razões para permanecer humilde. Nenhuma posição é tão elevada que nos dispense de servir, e nenhuma tarefa é tão simples que esteja abaixo de nós.

3.2 A teologia do amor em Deuteronômio.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Ainda no último livro do Pentateuco, o amor ocupa lugar central e frequentemente aparece revelando a sua importância na aliança. O termo hebraico ‘ahēb aponta para afeição, compromisso e fidelidade, bem como expressa um amor ativo, voluntário e fundamentado na escolha soberana de Deus (Dt 7.8). Esse amor é eletivo e factual, pois o Senhor escolheu Israel, firmou com ele uma aliança e manteve-se fiel apesar da sua infidelidade (Dt 7.9). Trata-se de um amor duradouro, que se estende por gerações.*

Por que Deus escolheu Israel entre tantos povos da terra? Em Deuteronômio 7.6-9, Moisés responde a essa pergunta ao recordar a origem do relacionamento entre o Senhor e a nação israelita. O povo havia sido separado para pertencer a Deus, mas essa escolha não poderia ser atribuída à sua importância política, à força militar ou à superioridade sobre as demais nações. O próprio Moisés esclarece que Israel era o menor de todos os povos (v. 7). A razão da eleição estava no amor do Senhor e na fidelidade à promessa feita a Abraão, Isaque e Jacó.

- Quem Deus escolheu? (v. 6). **“Porque povo santo és ao SENHOR, teu Deus; o SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que sobre a terra há.”** As palavras lembram o que Deus havia dito no Sinai (Êx 19.5,6). Israel era um “povo santo” (*‘am qādōš*), isto é, separado para Deus e diferente das nações de onde viera. Era também “povo próprio” (*sēgullā*), palavra que descrevia o tesouro particular de um rei. Pedro aplica a mesma linguagem à Igreja ao chamá-la de “povo adquirido”, escolhido para anunciar as virtudes daquele que a chamou das trevas para a luz (1Pe 2.9).
- Por que Deus escolheu? (vv. 7,8). Moisés descarta a explicação mais óbvia: **“Não vos teve o SENHOR afeição, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos”.** A família de Jacó havia descido ao Egito com setenta pessoas (Gn 46.27). A razão da escolha está em Deus: “porque o SENHOR vos amava e, para guardar o juramento que jurara a vossos pais”. No versículo 6, o verbo é “escolher” (*bāhar*); no versículo 8, “amar” (*‘āhēb*). Em Deuteronômio, os dois andam juntos, pois o Senhor escolhe aqueles a quem ama e ama aqueles a quem escolhe (Dt 4.37; 10.15). A prova desse amor estava na história recente do povo, quando Deus o tirou “com mão forte” da casa da servidão. O Pentateuco não aponta qualidades em Israel que justificassem a escolha, mas revela o propósito dela. Por meio da descendência de Abraão, todas as famílias da terra seriam abençoadas (Gn 12.3; 22.18). Israel foi escolhido para receber a revelação de Deus e para ser o povo do qual viria o Messias.
- Como Deus mantém o seu amor? (vv. 9,10). **“Saberás, pois, que o SENHOR, teu Deus, é Deus, o Deus fiel, que guarda o concerto e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e guardam os seus mandamentos”** (v. 9). O termo traduzido por “fiel” (*ne’ēmān*) descreve alguém absolutamente confiável, e a “misericórdia” (*hesed*) é a lealdade de Deus à aliança. O versículo, porém, não descreve um amor indiferente à resposta do povo. A fidelidade de Deus é dirigida “aos que o amam e guardam os seus mandamentos”, e o versículo seguinte acrescenta que ele “dá o pago diretamente aos que o odeiam” (v. 10). O amor de Deus vem antes e torna possível o amor do povo, mas não dispensa a obediência. O apóstolo João resume essa ordem: “Nós o amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19).

A ordem de amar a Deus de todo o coração (Dt 6.5) encontra seu fundamento no amor que o Senhor já havia demonstrado a Israel. Em Deuteronômio 7.7,8, Moisés esclarece que Deus não escolheu aquele povo por sua grandeza ou importância entre as nações. Pelo contrário, Israel era o menor dos povos, e sua libertação do Egito não resultou de qualquer mérito próprio, mas do amor divino e da fidelidade à promessa feita aos patriarcas. Portanto, quando Moisés ordena que Israel ame o Senhor, não está exigindo que o povo conquiste seu amor pela obediência, mas que corresponda ao amor que já havia recebido. Antes de Israel receber o mandamento de amar, Deus já havia demonstrado seu amor ao escolhê-lo, libertá-lo da escravidão e estabelecer com ele uma aliança.

3.3 Vivendo o amor na prática.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: Deuteronômio ensina, por fim, que o amor a Deus é consciente e expressa-se em obediência diária (Jo 14.15). Nesse sentido, os pais desempenham papel fundamental ao ensinar aos filhos não apenas com palavras, mas também com a própria vida (Dt 6.7). Ensino e ação sem amor tornam-se formais e não alcançam o coração. Quando falta afeto, forma-se uma fé fria, como a do filho mais velho na parábola do filho

pródigo (Lc 15.11-32). O amor, portanto, deve ser vivido no lar, com escuta, cuidado e exemplo, formando, assim, uma espiritualidade verdadeira e relacional.

Uma das marcas do livro de Deuteronômio é que o amor a Deus deveria ser evidente na maneira como Israel tratava as outras pessoas. **No capítulo 10, depois de lembrar o que o Senhor exigia do povo (vv. 12,13), Moisés descreve o próprio caráter de Deus: ele não faz acepção de pessoas, não aceita suborno, faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa (vv. 17,18).** Portanto, devemos entender por que a Lei dedica tanta atenção aos mais vulneráveis. Israel havia experimentado a bondade de Deus e, por isso, deveria tratar o próximo com justiça, cuidado e generosidade. Alguns exemplos deixam isso bem claro.

- O amor aos estrangeiros (Dt 10.18,19). O Senhor ordenou expressamente que Israel amasse os estrangeiros que viviam entre o povo. O termo hebraico *gēr* designava, nesse contexto, o estrangeiro residente, alguém que vivia fora de sua terra de origem e muitas vezes não contava com a mesma proteção familiar e econômica dos israelitas. Israel deveria lembrar da própria história para não repetir com outros a opressão que havia sofrido. O estrangeiro não poderia ser desprezado por sua origem, e suas necessidades também deveriam ser consideradas.
- O cuidado com os órfãos e as viúvas (Dt 24.17-22). Na sociedade israelita, a morte do pai ou do marido podia deixar uma família sem proteção e sem recursos suficientes para viver. Por isso, Moisés proibiu que o direito dos órfãos fosse prejudicado e que a roupa de uma viúva fosse tomada como garantia de uma dívida (v. 17). Durante a colheita, os proprietários não deveriam voltar para recolher os feixes esquecidos no campo nem retirar todas as azeitonas e uvas das plantações. O que ficasse deveria ser deixado para os estrangeiros, órfãos e viúvas (vv. 19-21). A própria Lei criava meios para que essas pessoas tivessem alimento.
- A generosidade para com os pobres (Dt 15.7-11). Se houvesse alguém necessitado entre os israelitas, o povo não deveria endurecer o coração nem fechar a mão. Deveria ajudar conforme a necessidade (vv. 7,8). A advertência fica ainda mais evidente no versículo 9. Como o sétimo ano se aproximava, e as dívidas entre israelitas seriam perdoadas, alguém poderia pensar que não valeria a pena emprestar dinheiro, porque talvez não o recebesse de volta. Moisés condena esse cálculo. O interesse financeiro não poderia falar mais alto que a necessidade do irmão.
- A justiça no tratamento dos trabalhadores (Dt 24.14,15). A Lei protegia também o trabalhador pobre, fosse israelita ou estrangeiro. Moisés proibiu sua exploração e determinou que o salário fosse pago no mesmo dia, antes do pôr do sol. O próprio texto explica a razão: aquele trabalhador era pobre e dependia do pagamento para viver. Reter o salário, portanto, não era apenas falta de consideração. Era uma injustiça diante do Senhor. O respeito ao próximo precisava chegar também às relações de trabalho, sobretudo quando uma pessoa dependia economicamente da outra.
- A honestidade nas relações comerciais (Dt 25.13-16). Moisés proibiu o uso de pesos e medidas diferentes para obter vantagem nas negociações. Um comerciante poderia usar um peso maior para comprar e outro menor para vender, enganando seus clientes. Por isso, Deus exigiu pesos e medidas corretos. O versículo 16 trata a fraude com muita seriedade ao dizer que aqueles que praticam esse tipo de injustiça são abomináveis ao Senhor.

Em Deuteronômio, portanto, servir ao Senhor não dizia respeito apenas ao culto. O mesmo israelita que comparecia diante de Deus precisava agir com justiça nos tribunais, honestidade no comércio, generosidade diante

da pobreza e respeito nas relações de trabalho. Essas leis pertenciam à aliança estabelecida com Israel, mas os princípios que expressam continuam importantes para a vida cristã. Não faz sentido professar amor a Deus enquanto tratamos o próximo com desprezo, exploramos quem depende de nós ou usamos nossa posição para obter vantagem. O amor a Deus precisa influenciar à maneira como tratamos as pessoas.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 3):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



CONCLUSÃO

A entrada em Canaã mudaria profundamente as condições de vida dos israelitas. O povo deixaria as dificuldades do deserto para desfrutar de cidades, casas e plantações que o Senhor havia prometido aos seus pais. Entretanto, Moisés sabia que a prosperidade também traria perigos. Israel poderia esquecer aquele que o libertara do Egito e passar a viver como se todas as suas conquistas fossem resultado da própria capacidade. Por isso, o grande mandamento exigia que o Senhor fosse amado acima de tudo, que sua Palavra permanecesse no coração dos israelitas e que seus ensinamentos fossem transmitidos às gerações seguintes.

Portanto, amor a Deus não deve ficar restrito às palavras que pronunciamos durante o culto ou ao conhecimento bíblico que adquirimos. Ele precisa influenciar nossas escolhas, a educação dos nossos filhos, o relacionamento familiar e a maneira como tratamos outras pessoas. Ao concluir esta lição, precisamos examinar se aquilo que professamos diante da igreja também pode ser reconhecido em nossa vida diária. Afinal, Jesus declarou: “Se vocês me amam, guardarão os meus mandamentos” (Jo 14.15, NAA).

ABRA JAULA

REFERÊNCIAS

- MERRILL, Eugene H.; ROOKER, Mark F.; GRISANTI, Michael A. **Introdução ao Antigo Testamento: o mundo e a palavra**. Tradução: A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2025.
- FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** Tradução: Danilo Mendes. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2026.
- WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALLAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. Tradução: Noemi Valéria Altoé da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- MERRILL, Eugene H. **Deuteronômio: comentário exegético**. Tradução: Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2025.
- CARPENTER, Eugene E. Deuteronomy. In: WALTON, John H. (Ed.). **Zondervan illustrated Bible backgrounds commentary**. Grand Rapids: Zondervan, 2009. v. 1. E-book.
- FERNANDO, Ajith. **Deuteronomy: loving obedience to a loving God**. Wheaton: Crossway, 2012. (Preaching the Word).